

SABEDORIA E SOCIEDADE NA SEXTA ORAÇÃO DE VICO**WISDOM AND SOCIETY IN VICO'S SIXTH ORATION**Marcelo Lopes Rosa¹

Resumo: O objetivo principal deste artigo é discutir a interação entre vida social e sabedoria, na Sexta Oração inaugural de Vico. Essa oração é um texto póstumo que já trazia alguns aspectos de sua teoria sobre a relação entre o conhecimento e o seu contexto. Sendo dividida por Vico em duas partes, a primeira trata sobre os fins dos estudos e, no restante, examina o método de estudos. Nesse artigo, analisaremos os fins dos estudos quanto aos aspectos que relacionam o regresso causado pela falta de eloquência com o egoísmo e a desestruturação social, representado pelo castigo bíblico aos descendentes de Nemrod; e também analisaremos as mudanças sociais que são promovidas pela sabedoria, capitalizadas nas histórias de Orfeu e de Anfião, as quais, em caminho oposto, apresentam um quadro dos seres humanos que saem da solidão para a vida em sociedade. Na Sexta Oração, Vico associa os elementos da linguagem, da moral e da sabedoria com a vida social. Dessa forma, Vico faz um retrato sobre a relevância social da sabedoria ao discutir os fins e o método de estudos recorrendo a exemplos bíblicos e mitológicos.

Palavras-chave: Giambattista Vico, teoria do conhecimento, eloquência

Abstract: *The main objective of this article is to discuss the interaction between social life and wisdom, in Vico's Sixth Inaugural Oration. This oration is a posthumous text that already brought some aspects of his theory on the relationship between knowledge and its context. Divided in two parts by Vico, the first deals with the studies finalities and, in the rest, examines the method of studies. In this article, we will analyze the studies finalities that relate the return caused by that the lack of eloquence with selfishness and social disruption, represented by the biblical punishment of Nimrod's descendants; and we will analyze the social changes that are promoted by wisdom, capitalized in the stories of Orpheus and Amphion, in the opposite way, which present a picture of human beings who leave loneliness for life in society. In the Sixth Oration, Vico associate the elements of language, morals and wisdom with social life. In this way, Vico portrays the social relevance of wisdom when discussing the finalities and method of studies using biblical and mythological examples.*

Keywords: *Giambattista Vico, theory of knowledge, eloquence*

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Administração de Empresas pela Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranaíba (UNESPAR-FAFIPA). Atualmente é professor da disciplina de Filosofia para o ensino médio e profissionalizante. E-mail: lopesmarcelo2@hotmail.com.

Introdução

O objetivo principal deste artigo é discutir como se apresenta a interação entre vida social e sabedoria, na Sexta Oração inaugural de Giambattista Vico. Vico era professor de eloquência da Universidade de Nápoles e, no início de sua carreira docente, fazia a abertura anual de estudos. As suas seis primeiras orações inaugurais foram publicadas postumamente, no século seguinte em que foram pronunciadas. Somente a Sétima Oração inaugural, intitulada *De nostri temporis studiorum ratione*², pronunciada em 1708, teve uma versão ampliada e foi por ele publicada em 1709 como seu primeiro texto filosófico. Após esta Sétima Oração, as aberturas anuais de Vico foram suspensas por um longo período.

A Sexta Oração inaugural chama a atenção porque aborda temas que serão desdobrados na obra *De ratione* e nas outras posteriores. O papel social da sabedoria que se apresenta nesta oração já possui muitos elementos em comum com sua última e mais conhecida obra, a *Ciência nova*. O conceito de sabedoria do jovem Vico tem um elo forte com as teorias de Sócrates, de Cícero, de Francis Bacon e inclusive com René Descartes. Destacamos, principalmente, alguns elementos que mostram uma possível aproximação entre as teorias de Vico e de Francis Bacon nessa oração.

Considerando que Vico apresenta uma relação entre sabedoria e vida social, elaboramos um breve panorama das circunstâncias políticas em que foi pronunciada a Sexta Oração. Assim, situamos a tal oração no contexto da divisão social e dos conflitos políticos de 1707 que ocorreram em Nápoles, a fim de encontrar elementos que apresentassem a relação entre o discurso de Vico com a vida prática daqueles jovens que iniciavam seus estudos na Universidade.

Nessa oração, Vico vai caracterizar a sabedoria em três aspectos, que são: saber com segurança, agir retamente e falar de maneira adequada. Ou seja, a sabedoria apresenta relação com o conhecer, com o agir e com a linguagem. E este último aspecto merece destaque nesse momento do desenvolvimento da teoria de Vico, pois mais tarde ele promoverá a linguagem com muita originalidade quando propõe seu método duplo de filologia e filosofia da *Ciência nova*. Em sua oração inaugural, Vico utiliza os tópicos da Torre de Babel e os de Orfeu e de Anfião para ilustrar o seu discurso. O infacundo da língua, ou a falta da eloquência, causa o início de todos os males da divisão social e tem no castigo da confusão de idiomas dado aos descendentes de Nemrod o seu tópico, ao mesmo tempo que ele contrapõe esse cenário a partir da sabedoria com eloquência, que torna os seres humanos sociáveis, dedicados ao trabalho e obedientes às leis, representado pelos tópicos mitológicos de Orfeu e de Anfião.

² Doravante *De ratione*.

Assim como Cícero aconselhando seu filho com a obra *Dos deveres*, Vico fez a sua oração em forma de conselhos para aqueles estudantes de uma Nápoles em conflito e dividida. E evitando ser claro sobre os principais conflitos da cidade, Vico utiliza de recursos retóricos para destacar o papel social que a sabedoria deve assumir para uma melhor convivência social e a melhor política possível.

A Sexta Oração inaugural e um breve contexto

Segundo García e Bisbal (1998. p. 116), as primeiras orações inaugurais de Vico, para o início das atividades da Universidade de estudos de Nápoles, eram pronunciadas no mês de outubro. A Sexta Oração inaugural foi intitulada como: “O conhecimento da natureza corrompida dos homens convida a completar o orbe inteiro das artes liberais e das ciências, e expõe a reta, fácil e perpétua ordem para sua aprendizagem”³ (Vico, 2002, p. 60), sendo pronunciada em 18 de outubro de 1707. Nesse título, alguns elementos merecem destaque, como: para Vico existe uma natureza humana que sofreu um processo de corrupção ou desvirtuação de sua origem; que a contemplação dessa natureza corrompida é parte do processo de superação de seus vícios e serve para a sua correção; que as artes liberais e as ciências apresentam um aspecto otimista pois são parte dessa correção da corrupção humana e não contribuem para a sua decadência; que ao afirmar que uma ordem reta de aprendizagem serviria para a correção, ele está se referindo indiretamente ao conceito matemático de que a menor distância entre dois pontos é uma reta, por isso seria uma aprendizagem mais fácil e, por ser de característica matemática, é também uma verdade perpétua, remetendo às verdades metafísicas; e, o detalhe que parece ser o mais importante desse título, se o conhecimento tem alguma relação com a corrupção dos seres humanos, é a de que por meio de uma ordem de aprendizagem adequada, ou *ratio* ou método, ele promove uma superação do defeito das mentes dos humanos, pois “expõe [...] a ordem para sua aprendizagem”. Ou melhor, o conhecimento não corrompe os humanos, pelo contrário, aqui ele é apresentado com a qualidade de algo que possa torná-los melhor.

Nessa oração, Vico usa a palavra *ordinem* no título para se referir à ordem dos estudos e no corpo do texto ele escolhe utilizar a palavra *ratione* em trechos que tratam de assuntos que remetem ao tema principal da oração. Nos primeiros parágrafos ele escreve: “[...] pois se contemplarmos nossa própria natureza corrompida, perceberemos com toda clareza que ela não só nos adverte quais

³ *Corruptae hominum naturae cognitio ad universum ingeniarum artium scientiarumque orbem absolvendum invitata, ac rectum, facilem ac perpetuum in iis addiscendis ordinem exponit, cf. Vico, 1971, p. 771.*

estudos devemos cultivar, como também seu caminho e seu *método*”⁴ (Vico, 1971, p. 773 grifo nosso). Na conclusão dessa oração ele faz novamente uma alusão à *ratio* para se referir ao método de estudos: “E já tendes, adolescentes de minha melhor esperança, um conselho a seguir acerca da finalidade e do *método* de vossos estudos”⁵ (Vico, 1971, p. 785 grifo nosso). Essa escolha que ele fez chama a atenção porque somente em 1709 que ele vai preferir usar o termo *ratione* para se referir ao método de estudos, logo no título de sua oração. Para Vico, a ordem dos estudos, ou o seu método, é de fundamental importância para que a humanidade possa atingir a ideia de sabedoria que ele defende nessa época e que, futuramente na Sétima Oração, vai contrapor a outro método de estudos, ou *studiorum ratione*, que ele julgará ser inadequado para a formação dos jovens. Na Sexta Oração, o seu conceito de *ratio studiorum* ainda está em geração e o papel que ele atribui para a sabedoria é otimista.

Para situar a Sexta Oração no contexto político de outubro de 1707, é preciso lembrar que, enquanto Vico pronunciava sua oração de abertura de estudos da Universidade, as tropas do austríaco Carlos de Habsburgo⁶ (1685-1740) se dirigiam para a tomada de Nápoles, que, naquele momento, estava sob o governo de franceses ligados à Espanha, em meio ao conflito da Guerra da Sucessão Espanhola. A partir desse ano, Nápoles passou ao domínio austríaco, o que durou até o ano de 1734, ou seja, cerca de vinte e sete anos.

Em 1701, antes de Nápoles ser um vice-reino austríaco, alguns nobres napolitanos, ligados à Áustria, promoveram a Conjura de Macchia, pois não aceitavam o governo do francês Felipe Bourbon (neto de Luis XVI) e reivindicavam por Carlos de Habsburgo, mas foram violentamente reprimidos pelos espanhóis. Sobre essa conjura, Vico chegou a produzir um texto que foi publicado somente em 1837⁷, postumamente. Vivendo em um período conflitivo, Vico tratou do tema guerra de forma muito genérica em suas orações inaugurais, como em sua Quinta Oração⁸, pronunciada entre os anos de 1705 ou 1706, cujo título era: “Que os Estados, quanto mais floresceram nas letras,

⁴ “[...] *cum si nostram isporum corruptam contemplemur naturam, eam sane non solum, quae studia excolenda a nobis sint admonete, sed et eorum viam ac rationem apertissime commonstrare sentiemus*”.

⁵ “*Atque habetis, optimae spei adolescentes, quod sequamini de studiorum fine et ratione consilium*”.

⁶ Filho de Leopoldo I da Áustria e, em 1711, ele se tornará rei Carlos VI.

⁷ O nome da obra é *De parthenopea coniuratione IX kal. Octobris MDCCI a Johanne Baptista a Vico regio eloquentiae professore, conscripta*, tendo sido escrita por volta de 1703.

⁸ Essa oração retoma uma discussão feita por Francis Bacon nas primeiras páginas do *De Augmentis* (Bacone, 1965, pp. 21–22), nas quais ele trata sobre a relação entre o domínio das armas e o das letras, em que rebate as críticas de que o saber amoleceria o ânimo dos homens e lhes tornaria ineptos para as armas, entretanto, nessa época Vico ainda não lhe havia feito uma citação direta. Bacon só será explicitamente mencionado na sétima oração inaugural, a *De ratione*. Na sexta oração aqui investigada, Vico parece trazer presente a teoria dos ídolos de Bacon do *Novum organum*, quando trata sobre as falsas opiniões causadas pela infacundo da língua. Contudo, pelos apontamentos feitos por Bassi (2020) e Sanna (2020), é provável que até o ano de 1709, Vico ainda não conhecia o *Novum organum*, mas apenas o *De Augmentis*.

tanto mais foram inclinados para a sua glória bélica e mais fortes pelo poderio em seus domínios”⁹ (Vico, 2002, p. 49).

O contexto político da Nápoles de Vico era de certa rotatividade no poder, pois ora estava sob domínio espanhol, ora francês, ora austríaco e depois disso retornou para as mãos dos espanhóis. E como as mudanças no poder eram constantes, tomar partido poderia representar risco para o exercício de sua profissão e para sua modesta família. A partir de sua obra autobiográfica, ou *Vita*, pode-se afirmar que a opção de Vico foi tornar aquelas orações em uma espécie de “conselhos” para seus estudantes em sua vida prática, ao “propor argumentos universais oriundos da metafísica para a aplicação à vida civil” (Vico, 2017, p. 104).

Ainda assim, mesmo não sendo claro em descrever o que estava acontecendo em sua cidade, Vico dialoga de forma indireta sobre as mudanças políticas e sociais que seus conterrâneos e, principalmente, seus alunos estavam vivenciando. Na Sexta Oração que investigamos, Vico demonstra certa preocupação em relação aos fins e ao método de estudos para que se possa viver em uma sociedade melhor e que não fosse uma “solidão em meio à abundância de corpos” (Vico, 2002, p. 63), ou seja, ele indica o compromisso social que a sabedoria deveria assumir com a verdade, com a virtude e com a eloquência para uma melhor convivência social entre seus pares, superando as divisões egoístas. Em oposição ao modelo de sabedoria moderna, em especial àquele modelo francês de inspiração cartesiana, Donzelli (2005) apresenta como as discussões napolitanas, de Vico e de Doria principalmente, preocupavam-se com o compromisso social da sabedoria, pois “para os intelectuais napolitanos, a ‘sabedoria moderna’ deve tornar-se uma ciência, mas uma ciência que não deva prescindir dos ideais e dos saberes da filosofia prática clássico-humanista” (Donzelli, 2005, § 13).

Enquanto professor da cátedra de retórica, Vico sempre deu destaque para a importância da língua ou da eloquência em suas orações inaugurais, por conseguinte, ele atribuía um valor especial à linguagem. À primeira vista, talvez isso cause a impressão de que ele tenha dado esse destaque à eloquência como uma forma de também valorizar o seu trabalho na universidade de estudos, justificando seu valor para aqueles jovens e seus pais que participavam daquela cerimônia de ingresso na vida acadêmica. Contudo, a relevância que a linguagem assume na filosofia de Vico vai muito além do que uma mera autopromoção de seu ofício.

Antes mesmo de ser professor, Vico já era conhecido por algumas de suas orações laudatórias. Ao longo de toda sua vida, ele sempre foi requisitado e produziu várias orações e até

⁹ *Respublicas tum maxime belli gloria inclytas et rerum imperio potentes, cum maxime literis floruerunt, cf. Vico, 1971, P. 759.*

inscrições fúnebres para a nobreza que vivia em Nápoles. Algumas delas, por exemplo, serviram para honrar os aliados dos austríacos mortos pelos espanhóis na conjura e em outro momento, quando os espanhóis estavam no poder, fez o discurso das bodas do vice-rei espanhol, que se tornaria o futuro rei da Espanha. Enquanto orador, que acabou por se tornar famoso em sua cidade, Vico ora produzia discursos para austríacos, ora para espanhóis e, muito provavelmente, isso lhe rendia um pouco mais de recursos para sustentar a sua família. Além disso, durante sua vida, ele ainda dava aulas particulares para complementar a sua renda.

A precariedade de suas condições de sobrevivência são frequentemente citadas por ele nas cartas que escrevia, nas quais o lamento sobre suas condições de saúde e econômica é muito comum. Vivendo em uma cidade cheia de conflitos e de dificuldades, tendo encontrado no discurso público uma forma para sobreviver, Vico muito provavelmente identificou-se de algum modo com Cícero, leitura que era comum nesse período em Nápoles e também entre os humanistas. Entretanto, existem outros indícios que mostram a preferência de Vico por Cícero em seus discursos que vão muito além da possível identificação com este orador.

Essa influência de Cícero sobre Vico em suas orações inaugurais é muito bem destacada por Corsano (1935). Ele associa Vico ao estoicismo platonizante e ciceroniano e, por consequência, ao iluminismo humanístico e ciceroniano. Corsano demonstra como, já na primeira oração, que daria a impressão de ser toda cartesiana, espinosana e socrática, Vico teria transformado a ideia de *cogito* em uma interpretação do *nosce te ipsum* dos *Diálogos em Túsculo*, produzindo, portanto, um platonismo ciceroniano ao entronizar a alma por sobre o corpo. Também seria inspiração em Cícero a antítese retórica promovida entre a facilidade e naturalidade da sabedoria contra a brutalidade, a bestialidade e a barbárie da insensatez. Esse recurso tem a função de apresentar a sabedoria com otimismo e tal antítese também serve para lhe promover maior destaque. Além disso, Corsano destaca o papel que a eloquência assume nessa oração viquiana:

A VI Oração é um extenso testemunho do sentimento viquiano pela taumaturgia retórica, na qual a eloquência é reconhecida como suprema dignidade espiritual, tornando-a em um dos três *puncta*, ou elementos essenciais da *sapientia*, ou perfeição da natureza humana, racional e eticamente íntegra. Encargo quase terapêutico, portanto, de correção e libertação da estultice e barbárie feroz do homem primitivo, assim como da *infantia* ou inaptidão expressiva e espiritual da criança (Corsano, 1935, p. 44).

A sabedoria e a sociedade

Olhando mais atentamente para a Sexta Oração, Vico apresenta logo no início uma divisão do texto em duas partes: a primeira abordaria os fins dos estudos e a segunda o método dos estudos. A história bíblica de Nemrod e os mitos de Orfeu e de Anfião são apresentados na primeira parte da

oração. Como essa história bíblica e os exemplos mitológicos formam uma ilustração bem marcada da corrupção e da correção dos homens, buscaremos explorar com um pouco mais de atenção sobre os fins dos estudos e a relação entre sabedoria e sociedade que Vico expõe nessa primeira parte da oração inaugural.

Vale lembrar que a teoria de que cada estágio de desenvolvimento da sociedade produz determinado tipo de sabedoria só será melhor desenvolvida e é melhor explorada por Vico em sua obra mais madura, que é a *Ciência nova* (Vico, 2005). Mas, nas orações inaugurais já percebemos que Vico indica tipos de conhecimento adequados a cada fase do desenvolvimento do indivíduo, como as crianças seriam mais propensas a desenvolver a memória, os jovens a fantasia e os mais velhos a racionalidade. Isso mostra que, com o passar dos anos, Vico vai projetando de maneira mais ampla aquilo que percebia nos indivíduos ao seu redor.

Relembrando o título da Sexta Oração, ela propõe, em si, contrastar a “natureza corrompida” contra a “ordem reta, fácil e perpétua” da sabedoria, revelando tal otimismo do jovem Vico. Utilizando um recurso retórico¹⁰, o seu discurso parte de uma reflexão sobre as causas que levariam os jovens a fazerem escolhas erradas para sua formação, também sobre as muitas dificuldades que encontrariam em seus estudos e, além de tudo, menciona a existência do descompasso que existe entre os desejos que os pais teriam sobre o futuro profissional dos jovens e sua avidez pelo lucro, mas que esbarram na dedicação insatisfatória dos filhos. Ou seja, é um tema que aparentemente é irrelevante para uma Nápoles que está com as tropas austríacas em frente ao seu forte prontas para tomar a cidade.

Essas inconveniências nos estudos, segundo Vico, poderiam ser uma consequência do pecado original de Adão para seus descendentes. No entanto, em vez de seguir sua oração por uma reflexão religiosa sobre a queda de Adão, Vico prefere conduzir seu discurso para a investigação da própria mente a fim de encontrar essa natureza corrompida. E, ao propor entrar no foro íntimo de cada um e contemplar tal natureza corrompida, algo que lembra a atitude da meditação cartesiana, ele afirma que poderia, assim, encontrar em si próprio qual deveria ser o método dos estudos. Retomando a citação feita acima, esse convite à meditação fica mais evidente no seguinte trecho: “pois, se contemplarmos nossa própria natureza corrompida, perceberemos, com toda clareza, que ela não só

¹⁰ O recurso utilizado é o de começar por assuntos que parecem irrelevantes e conduzir o público a um raciocínio que se revela de uma vez como em um clarão de relâmpago ou de um raio. Segundo Vico, Demóstenes teria usado artifícios como esse. Ele o apresentou em seu discurso da quarta inauguração anual da Academia dos Oziosi, em janeiro de 1737, com o título *As academias e as relações entre a filosofia e a eloquência*. De acordo com ele, “[...] da Academia de Platão, tendo ouvido por bem oito anos, saiu Demóstenes, e saiu armado de seu invicto entimema, que ele formava com uma desordem muito bem regulada, saindo da causa em coisas muito distantes, das quais temperava os raios de seus argumentos, os quais, caindo, tanto mais maravilham os ouvintes quanto mais eles se divertiam”.

nos adverte quais estudos devemos cultivar, senão também o seu caminho e o seu método” (Vico, 2002, p. 61. grifos do autor). Mais à frente, ele acrescenta: “E para comprovar se eu digo a verdade, que cada um de vós penetre em seu foro íntimo e contemple ao homem” (Vico, 2002, p. 61). Em outras palavras, não é a natureza a causa dos males dos homens, mas a corrupção dessa natureza que lhes traz consequências, sendo a dispersão a principal delas. E ele apela que a prova real dessa reflexão que é por ele proposta está no interior de cada ouvinte daquela oração inaugural, o que também faz uma evidente interlocução com a tradição socrática do “conhece-te a ti mesmo”.

Sobre esse foro íntimo, Vico o caracteriza como um composto de três elementos: mente, ânimo e linguagem. Por sua vez, o corpo, que é algo comum ou próprio da animalidade em geral, é deixado de lado nessa oração para dar maior destaque àqueles outros três elementos, que lhes diferenciariam e proporcionariam uma especificidade à humanidade. Nessa condução da investigação interior, ele apresenta que a corrupção humana teria início pelo infacundo da língua, que encheria a mente de opiniões e, por consequência, teria o ânimo desonrado pelos vícios. A ordem dessa corrupção caminha da linguagem, para a mente e, por fim, tem consequências no ânimo ou nas ações.

Nemrod foi o personagem bíblico escolhido por Vico para representar o castigo que os homens receberam pela construção da torre de Babel. A pena divina para o homem corrompido dissociou, desarraigou e dispersou os homens isolando-os em seu egoísmo, pondo fim a vida em sociedade. E Vico descreve minuciosamente essa ordem da confusão na linguagem, que, na sequência, turva a mente com opiniões e, por último, promove ações egoístas dos vícios que desonram o ânimo, levando tais homens a se dissociarem da vida em sociedade e se dispersarem, sendo desarraigados de seu lugar. Aqui percebemos que aquela discussão sobre a dificuldade individual nos estudos, que deixam os pais aflitos e parece ser um castigo divino para os jovens, começa a se estender mais amplamente sobre os motivos que levam a divisão social e ao conflito. Enfim, é uma reflexão que começa a fazer sentido naquela Nápoles dividida entre os diferentes interesses dos grupos em disputa.

Ele elenca três males da natureza corrompida dos homens: os males da língua, os da mente e os do ânimo. A falta de eloquência é um dos males da língua. Pois, a língua fica incapaz de socorrer a mente e a engana com juízos falsos, em seguida, causaria a desonra com palavras vergonhosas sendo seduzido por aquilo que disse. Já os males da mente causam um estado de espanto perpétuo, produz falsas imagens das coisas, resulta em juízos temerários e permite que as pessoas sejam seduzidas por sofismas e pela distração.

E o pior dos males são aqueles que afetam o ânimo, segundo Vico. Pois faz com que arda entre as paixões, se horrorize entre os temores e daí enlouqueça em meio aos prazeres. Além disso, faz com que se languideça entre as dores, jamais esteja satisfeito, aprove o que reprovou e vice-versa, que se arrependa, fuja e persiga a si mesmo. Ou seja, coloca em situação de plena confusão de suas ações e parece ser uma descrição de uma sociedade refinada, corrompida e dissoluta. O produto dos males da língua, da mente e do ânimo é a solidão de ânimos em meio à abundância de corpos, em outras palavras, tais males resultam na completa divisão egoísta e em conflitos. Daí aqueles suplícios que são: o infacundo da língua, as opiniões da mente e os vícios do ânimo. Todavia, o seu remédio ou correção são a eloquência, a ciência e a virtude.

Tais males originários do infacundo da língua apontados por Vico, levam a pensar que ele poderia ter sido influenciado por outro autor além de Cícero, ou melhor, pela teoria de Francis Bacon sobre as falsas noções. Como bem apresentado por Romana Bassi (2020), mesmo na Sétima Oração inaugural de 1708, Vico ainda não havia eleito Francis Bacon como um de seus quatro autores privilegiados, daquela forma como teria citado retrospectivamente na sua *Vita*, escrita entre os anos de 1725 e 1728. É somente na *De ratione* que Vico fará a sua primeira citação direta ao nome de Bacon. Ainda assim, Manuela Sanna (2020) apresenta elementos que mostram que Vico já teria conhecimento da obra baconiana *De dignitate et augmentis scientiarum*¹¹, de 1623, quando pronunciou a sua Quinta Oração inaugural, em que escreve: “já na quinta preleção de 1705 parece bastante direta a referência a Bacon sobre o argumento relativo à correspondência entre a glória militar e o florescimento da cultura literária” (Sanna, 2020, p. 2). Ou seja, à época da Sexta Oração, que é o interesse dessa análise, Vico já teria tido contato com aquele autor ainda que não tenha feito qualquer referência direta nesse discurso. E, embora, os males causados pelos defeitos da linguagem, pela confusão das opiniões e pela corrupção das ações possam lembrar a discussão sobre os ídolos do *Novum organum* de Bacon, é mais provável que eles tenham sido uma criação viquiana a partir de sua leitura daquela outra obra em latim, a *De Augmentis*.

A sabedoria, o contraste da corrupção e da insensatez, é o saber com segurança, agir retamente e o falar de maneira adequada. Ela possui três funções que são: amansar os néscios com a eloquência; com a prudência retirá-los de seus erros e com a virtude prestar-lhes um bom serviço. Após ter criado um quadro das consequências sociais que a corrupção dos homens é capaz de fazer e descrever essa natureza corrompida, Vico vai apresentar a sabedoria com função necessariamente social e não apenas como a conquista de saber de um indivíduo, assim como a exortação que Bacon teria feito sobre o progresso do conhecimento na obra *De Augmentis*, o qual deveria ser dedicado à

¹¹ Doravante *De Augmentis*.

caridade, evitando o envaidecimento e a ostentação (Bacone, 1965, p. 20 e 21). A interpretação de sabedoria que Vico produziu tem função de correção da sociedade humana do distanciamento de sua natureza, que é racional, que é Deus. E nesse aspecto, pode-se perceber o quanto ele está mais próximo da concepção estoica ciceroniana de sabedoria e de natureza. Chama a atenção o estilo escolhido por Vico para destacar o papel da sabedoria. Primeiro, ele apresenta as características negativas, faz como se fosse um fundo escuro de um quadro pintado com comportamentos socialmente reprováveis, para, então, sobrepor a sabedoria contrastante com tons claros e radiantes e um comportamento socialmente louvável. Esse modo de apresentação lembra a estratégia retórica de partir de um *pars destruens* em direção a um *pars construens*, que teria sido um recurso comum entre alguns autores como Francis Bacon no *Novum organum*, por exemplo.

Para reforçar seu argumento sobre a facilidade proporcionada pela sabedoria, Vico ilustra a saída dos homens da solidão para a vida em sociedade com os mitos de Orfeu e de Anfião. Recorrendo às imagens comuns desses, Vico lembra que Orfeu amansou as feras com a lira e Anfião teria movido as pedras com seu canto, fortificando os muros de Tebas. Daí ele interpreta que as pedras, os carvalhos e as feras são os homens néscios que, por meio da eloquência de Orfeu e de Anfião, foram convencidos a passar a viver em sociedade, a dedicarem-se ao trabalho e a obedecerem às leis.

Orfeu e Anfião são os sábios que associaram o conhecimento das coisas divinas e a sabedoria das coisas humanas com a eloquência e, com sua força convincente, fizeram os homens passarem da solidão para a sociedade, isto é, do amor a si mesmos ao cultivo de sua humanidade, da inércia à laboriosidade, da liberdade desenfreada à obediência das leis; e associam, pela equidade da razão, aqueles que são ferozes em suas forças com aqueles que são débeis. Esse é perpetuamente o mais verdadeiro, grande e ilustre fim desses estudos [...] (Vico, 2002, p. 68).

Na interpretação de Vico, os sábios Orfeu e Anfião conseguiram com sua eloquência mudar as opiniões e as ações dos néscios de seu tempo em prol de uma sociedade menos violenta e de uma Tebas mais fortificada contra seus inimigos, respectivamente. Sob esse ponto de vista, o discurso tem a função de ajustar a mente à verdade, o ânimo à virtude e a língua à eloquência. A sabedoria é aqui apresentada em seu triplo aspecto, como: o conhecimento das coisas divinas, a prudência nas coisas humanas e a verdade e a adequação na oração.

Antes de Vico, na obra *A sabedoria dos antigos*, Bacon (2002) já havia associado Orfeu com a capacidade da Filosofia em fazer as pessoas acalmarem os seus apetites e a acatarem os preceitos e a disciplina. Segundo o autor:

O canto de Orfeu é de dois tipos: um deles propicia as potências infernais, o outro comove as feras e os bosques. [...] Com efeito, a filosofia natural se propõe nada menos, como a mais nobre das missões, que a

restauração das coisas corruptíveis e [...] a preservação dos corpos no estado atual, com retardamento da dissolução e corrupção (Bacon, 2002, p.48).

Um pouco mais adiante, é possível encontrar a fé de Bacon na Filosofia e na eloquência de maneira muito próxima com a que Vico expressou na Sexta Oração, pois a Filosofia “[...] aplicando seus poderes de persuasão e eloquência para incutir no espírito dos homens o amor à paz, à virtude e à equidade, ensina os povos a unir-se, aceitar o jugo das leis e curvar-se à autoridade” (Bacon, 2002, p. 48).

Retornando ao Vico, tanto a queda, que é promovida pela corrupção dos homens e os levam à solidão, quanto a correção, que lhes permite retornarem à vida em sociedade, têm sua mediação feita pela linguagem. O infacundo da língua é o princípio da corrupção, enquanto a eloquência move pedras, carvalhos e feras, ou melhor, movem os néscios e lhes convencem a viver pacificamente entre si e a defender sua cidade dos inimigos. A vida em sociedade se faz por meio da linguagem, que provoca as opiniões da mente e que culminam com as decisões ou ações que as pessoas tomam. Essas relações entre as pessoas são sempre mediadas pela linguagem e podem tanto promover a ruína social quanto seu ressurgimento. Desse modo, a linguagem para Vico, autor que vai lhe atribuir fundamental importância na *Ciência nova* quando apresenta a filologia como parte do duplo método de investigação que se une à filosofia, recebe destaque na Sexta Oração com “grossas pinceladas”¹² naquele processo de confecção de um quadro sobre a teoria do conhecimento.

Nesta Sexta Oração, é possível perceber aquilo que será mais tarde desenvolvido de maneira original pelo Vico: de que o conhecimento, ou sabedoria, tem sempre relação com o social. A vida social, as relações entre as pessoas, o período histórico, vão interferir no tipo de conhecimento que é possível ser produzido: se são operados mais por imagens, ou por poesia, ou mais universais e com menor apelo aos sentidos, dependem sempre das relações sociais e históricas. Ao mesmo tempo que tais conhecimentos são produtos de uma sociedade, eles também vão estabelecer como serão as relações entre as pessoas e disso resultará ora uma sociedade mais violenta, ou mais refinada ou mais perigosa.

Perceber a importância que Vico atribui à linguagem na Sexta Oração ajuda a entender o caminho que ele tomará mais tarde sobre a relação entre *ratio* e palavra. O Vico da *Ciência nova*, quando tenta compreender a natureza comum das diferentes nações em diferentes estágios de

¹² A expressão “grossas pinceladas” é uma referência ao capítulo XII da *De ratione* (Vico, 2002, p. 119) em que ele critica os imitadores e louva a originalidade das pinturas do renascentista Ticiano Vecellio (aprox.. 1488 - 1576), que seriam feitas com tais grossas pinceladas, propositalmente opostas à grandiosidade de Michelângelo e à sutileza de Rafael afim de lhe “proporcionar alguma celebridade” ao seu nome. Vico, assim como os demais humanistas, sempre se demonstrou preocupado em produzir algo que fosse original ou novo, louvando os produtos do engenho criativo.

desenvolvimento, percebe que o que há de comum entre elas é a relação com a linguagem. Em outros termos, a racionalidade lógica e metafísica que conhecemos é adequada a um determinado período do desenvolvimento das nações, mas a relação com símbolos, brasões, ícones, hieróglifos, etc., antes mesmo do surgimento do discurso, é uma forma originária da linguagem e, em certo aspecto, também é parte dessa *ratio* humana. No século XVI, havia o debate se algumas nações, como as que viviam no continente americano, teriam humanidade e as discussões, muitas vezes, recaiam sobre a capacidade de racionalidade deles, entendendo ali que ela seria algo mais próximo daquela metafísica e lógica comuns nas academias europeias. Nesta obra, Vico amplia a *ratio* humana quando a associa a qualquer forma de linguagem e, ao se referir aos “povos do Brasil, de Cafra e de outras nações do mundo” (Vico, 2005, §334, p. 173), os cita como exemplo de que toda a humanidade teria alguns elementos comuns, tal como a religião, o matrimônio e a sepultura. Sendo assim, não lhe parecia fazer sentido aquela discussão do século anterior de avaliar a condição de humanidade a partir daquele modelo limitado de racionalidade.

Considerações finais

Tendo em conta o conturbado contexto político em que Vico proferiu a Sexta Oração, podemos julgar que Nápoles era uma cidade dividida. Naquele período, alguns nobres apoiavam os austríacos, outros os espanhóis e em meio a isso muita gente não se entendia. É muito provável que houvesse demagogia manipulando opiniões e manobrando as pessoas para resultar nos conflitos violentos que ele presenciava. E com o seu discurso, Vico tenta alertar aos jovens sobre as consequências que a insensatez possa lhes causar, ao mesmo tempo que evita ser muito claro sobre o que estava em jogo naquele cenário político de então. A fé que ele tinha na sabedoria com eloquência, naquela ocasião, lhe fazia acreditar que ela poderia salvar sua cidade da divisão conflituosa e que seria capaz de promover maior harmonia social.

Portanto, partindo de uma discussão sobre as dificuldades dos estudos dos jovens, ilustrando com o exemplo bíblico de Nemrod e os mitológicos de Orfeu e de Anfião, Vico trata de um tema delicado em um período de turbulência política, que é o da condução das opiniões e o da divisão social. E faz uma oposição entre a sabedoria e a insensatez apresentando a falta de eloquência como veículo para a ruína social e a sabedoria com eloquência como a responsável pela reorganização, sem deixar de levar em consideração os juízos da mente e as ações do ânimo.

Outros autores que inspiraram Vico também trataram de algum modo do tema que relaciona a sabedoria, a linguagem e a sociedade, como Sócrates, Platão, Cícero e Francis Bacon. O que Vico

destaca é como o infacundo da língua dá espaço para as opiniões enganosas que bloqueiam a mente e que levam as pessoas às atitudes egoístas e à divisão social. Somente a sabedoria munida de sua eloquência é capaz de retomar a harmonia social e o melhor relacionamento entre as pessoas. As falsas opiniões que desencadeiam conflitos sociais parecem ser um tema frequente na filosofia desde os tempos de Sócrates e, sendo retomado por Vico para aquela Nápoles em conflito, leva a pensar que é um tema recorrente na humanidade e que merece ser revisitado e repensado para o tempo presente.

Referências bibliográficas

- BACONE, Francesco. **Opere filosofiche**. A cura di Enrico De Mas. Bari: Laterza, 1965.
- BACON, Francis. **A sabedoria dos antigos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BASSI, Romana. Vico e a objeção moral dirigida a Francis Bacon no De ratione. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 42, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52232>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- CORSANO, Antonio. **Umanesimo e religione in G. B. Vico**. Bari: Laterza & Figli, 1935.
- DONZELLI, Maria. “Sapientia”, “sagesse” et “science” dans la philosophie de Vico. **Noesis** [online], v. 8, 2006. Acesso em: 09 ago. 2023.
- GARCÍA, Moisés González; BISBAL, Josep Martínez. **Autobiografía de Giambattista Vico**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1998.
- SANNA, Manuela. O encontro com Bacon na composição do De ratione. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 42, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52735>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- VICO, Giambattista. **Opere filosofiche**. A cura di Paolo Cristofolini. Firenze: Sansoni, 1971.
- _____. **Obras**: Oraciones inaugurales. La antiquíssima sabiduría de los italianos. Rubí: Antropos Editorial, 2002.
- _____. **Princípios de ciência nova**: acerca da natureza comum das nações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- _____. **Vida escrita por si mesmo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.